

O MOMENTO DA ASTROLOGIA – ORIGENS NA ADIVINHAÇÃO

Geoffrey Cornelius

Tradução: Simão Cortês

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Todo o meu trabalho intelectual tem sido uma tentativa de responder ao fascínio que eu senti da primeira vez que li *O Momento da Astrologia* no verão de 2016. Se eu tivesse de escolher um só livro para ler para o resto da vida, seria o *Momento*. Se eu tivesse de resumir a minha paixão pela astrologia num só livro, seria o *Momento*. Se eu tivesse de fazer uma última defesa intelectual da Astrologia frente a dois mil anos de perseguição religiosa, intelectual e científica, eu não teria nada a dizer que o *Momento* não tenha dito melhor.

Na verdade, este livro teve um efeito tão avassalador na minha vida que em 2017, um ano depois de o ler, me mudei para Inglaterra para estudar com o Geoffrey Cornelius. Tive a honra de o ter como orientador de Mestrado e de Doutoramento, apesar de ele não ter vivido para ver a conclusão da minha tese. Durante estes anos, o Geoffrey ensinou-me quase tudo o que sei sobre astrologia. Em particular sobre a astrologia como um caminho concreto de prática oracular num mundo desencantado.

É difícil introduzir o leitor à importância deste livro, mas há algumas palavras relevantes a dizer. Em primeiro lugar, é importante apontar que as ideias que levaram à tese central do *Momento* emergiram no contexto do núcleo de Horária da Loja Astrológica de Londres, dirigido pelo astrólogo Derek Appleby. O efeito da Horária na questão do momento semente da astrologia, tema do capítulo 6, foi avassalador para o Geoffrey. Também levou à fixação do texto para a edição facsimile do *Astrologia Cristã* da Regulus, um projeto levado a cabo por ele e pela sua parceira de vida, Maggie Hyde. Este pequeno contexto histórico importa porque nos mostra como a tese do *Momento* é inseparável do primeiro impulso para a recuperação da tradição astrológica, como é parte do brado libertador que a comunidade começou nos anos 80 numa tentativa de se desvincular da astrologia excessivamente psicológica e focada em ciclos abstratos.

O trabalho da Companhia dos Astrólogos foi estrutural para a tese do Geoffrey. Neste livro encontramos referências constantes ao *Jung and Astrology* da Maggie Hyde, à teoria da tomada de Gordon Watson, às investigações do Patrick Curry e ao *On Time* de Michael Shallis. Todos estes trabalhos fazem parte de uma intensa produção intelectual em torno da ideia de que a astrologia tem uma lógica participativa, oracular e arcaica. Ou seja, que as ideias deterministas herdadas pela nossa tradição são uma distorção racionalista do mundo helenístico daquilo que é, para todos os efeitos, uma prática de augúrio celeste.

O argumento pode parecer quase banal para um não astrólogo. Na verdade, só astrólogos é que insistem que a astrologia *não é um oráculo*. Todas as outras pessoas veem a natureza da nossa prática com clareza. Mas num mundo em que abundam textos de astrologia filosófica com pés de barro e telhados de vidro, o *Momento* dá-nos algo raro: não só é o livro de pensamento astrológico mais bem estruturado e argumentado que eu algum dia li, mas é um livro em que cada argumento filosófico é justificado com prática horoscópica. O poder encantador deste livro parte do fato de que nenhuma afirmação é feita em separado de uma experiência verdadeiramente astrológica, em vários casos sustentada por um caso prático de análise de horóscopo.

Como o autor nos diz, a melhor análise astrológica é aquela que nos ensina sobre a própria astrologia. É isto que encontramos neste livro: uma curadoria cuidadosa de exemplos concretos e reflexivos de prática horoscópica, tão eficazes porque tão paralelos à experiência de qualquer astrólogo, e que nos demonstram da forma mais elegante possível que a astrologia não é o estudo de uma relação objetiva entre os céus e a vida na terra, seja ela causal ou espelhada, mas uma prática augural que depende inteiramente da participação do astrólogo como intérprete oracular.

O Momento é um texto com a ousadia de se informar em várias disciplinas, da história à psicanálise, da hermenêutica à etimologia, não tendo quaisquer remorsos em situar a astrologia entre as humanidades. Mas é um texto que recusa determinantemente os hábitos submissos dos astrólogos perante as outras áreas de conhecimento. Em vez de se atrelar à psicologia, à estatística ou à história, Geoffrey dá o seu melhor para que a astrologia seja pensada e descrita nos seus próprios termos, e semeia campos filosóficos nos quais podem desabrochar as categorias concetuais relevantes para que possamos começar a entender o que acontece quando fazemos astrologia. No fundo, o grande contributo deste livro é estabelecer a astrologia como uma área de pensamento e prática independentes, a todos os momentos enraizada num cuidadoso artesanato horóscopico.

Várias destas linhas são começadas de forma maravilhosa: o caso único de interpretação, as tomadas, a hermenêutica das quatro dobras, a katarche. Mas todas elas apontam na direção de que a astrologia é uma prática inserida num esquema mágico-oracular que escapa às categorias descritivas da ciência convencional, da psicologia e do próprio discurso astrológico. E é nesse espaço mágico que a astrologia se revela como uma magnífica arte de negociação do destino humano, dependente da coragem do querente ao expressar o verdadeiro desejo do seu coração aos deuses, e do compromisso feroz do astrólogo na busca da sua boa fortuna. É nesta tensão que residem todas as contradições do momento da astrologia, e é na sua exploração que se baseia este livro.

Simão Cortês